



O Ovo
TARCILA DO AMARAL
Óleo sobre tela



Caros colegas, chegamos a dezembro de um ano intenso para todos na Febrapsi. O semestre começou com os eventos preparatórios de Recife e Fortaleza, que reuniram públicos participativos, atentos e entusiasmados para debater a temática do Congresso. Então, no mês seguinte, fomos à Goiânia e Campo Grande, nos quais novos vértices surgiram, tanto nos trabalhos apresentados, quanto nas intervenções de plateias, novamente propositivas e interessadas em dialogar com os apresentadores.

**Luiz Celso Toledo**

Presidente da Febrapsi,
membro da Sociedade
Brasileira de Psicanálise
de Ribeirão Preto (SBPRP)

Ainda em agosto e setembro, a Febrapsi esteve representada em duas audiências públicas, no Senado e na Câmara dos Deputados (em Brasília), na companhia dos colegas de várias federadas e, também, de representantes do Movimento Articulação. Foram momentos importantes para todos, nos quais nos unimos aos colegas para dizer um sonoro “basta!” aos que tem utilizado o nome da psicanálise de forma irresponsável e oportunista.

Em seguida, chegamos a Gramado para o 30º Congresso Brasileiro, um encontro caloroso, denso cientificamente, colorido, que contou com uma presença expressiva dos membros e, também, da comunidade externa, especialmente dos jovens. Voltamos satisfeitos, com o sentimento de termos vivido uma semana muito especial. Essa impressão foi reforçada pelos resultados e uma pesquisa de opinião feita com os participantes. Os retornos que recebemos foram efusivos, excedendo as nossas melhores expectativas.

Após o Congresso, vieram a primeira edição de uma RTP - a Reunião de Treinamento em Pesquisa - realizada no país e sediada em São Paulo, uma iniciativa que mostrou ser uma maneira produtiva de reunir psicanalistas e a comunidade de pesquisadores ligados a grandes instituições para debater projetos, métodos e abordagens teóricas, dentre outros assuntos.

Antes de finalizarmos a gestão, participamos do quarto Simpósio de Infância e Adolescência e do primeiro Simpósio da Comissão de Casal e Família da Febrapsi, ambos com grande participação de colegas e interessados de várias partes do país.

Além dos eventos, ainda haveria muito para ser contado, sobre a aprovação nas assembleias de delegados da Comissão de Psicanálise, Clima e Vida, sobre a continuidade e ampliação das verbas para o programa de Ações Afirmativas, sobre o curso oferecido pelo SOS, sobre o Associação Livre e o Mirante, o livro dos Pré-Congressos, o trabalho desenvolvido pelo Observatório Psicanalítico e sobre outros tantos temas importantes, mas o espaço é restrito e essas são histórias que ficarão para outras ocasiões.

Antes de finalizar, aproveito para agradecer imensamente aos colegas da diretoria, aos presidentes das federadas e delegados, bem como aos funcionários, que trabalharam apaixonadamente para o desenvolvimento da psicanálise brasileira.

Uma ótima leitura e obrigado a você por ter nos acompanhado e apoiado ao longo desse biênio. Desejo um excelente trabalho e sucesso aos colegas da nova diretoria, que iniciará uma nova gestão logo mais, em janeiro.

Abraços, bom descanso e um ótimo fim de ano!



Prezados (as) leitores (as), nesta edição do **Febrapsi Notícias**, destacamos a importância das instituições psicanalíticas e sua missão de promover a psicanálise em um contexto social em transformação. A Febrapsi, federação de 19 sociedades psicanalíticas, exemplifica como a união de diferentes vozes pode enriquecer e expandir a prática psicanalítica.

Historicamente, a institucionalização da psicanálise remonta a Freud, e a criação da Sociedade Psicológica de Viena, em 1902, foi um marco crucial, representando a primeira tentativa formal de organizar e institucionalizar o movimento. Essa sociedade proporcionou um espaço de encontro e discussão para Freud e seus colaboradores, permitindo que as ideias psicanalíticas fossem debatidas, refinadas e disseminadas.

Neste contexto, a reflexão de Josiane Barbosa Oliveira sobre a transformação do público nos eventos da psicanálise é essencial. O que atrai essa nova geração à psicanálise e o que ela pode oferecer?

Arnaldo Chuster destaca que as instituições devem manter sua identidade e coerência, equilibrando tradição e inovação. É fundamental acolher a criatividade dos membros para permitir a geração de novas ideias, fazendo da psicanálise um espaço que abra novas possibilidades. Ana Biondo, presidente da ABC, também enfatiza a importância de encontros regionais mistos e o lançamento do livro *Construções 9*, que discute a sexualidade e a escuta do analista, reforçando a relevância da psicanálise na prática clínica contemporânea.

Daniela Bormann Vieira menciona as iniciativas da Febrapsi, como o SOS Brasil, que responde a crises sociais e amplia o acesso ao cuidado psíquico. Fábio Firmino Lopes levanta a questão da exclusão da psicanálise do sistema de saúde francês, ressaltando a necessidade de defendê-la como prática vital para a saúde mental.

O 30º Congresso Brasileiro de Psicanálise, realizado em Gramado, foi um marco nas discussões sobre sexualidade e diferenças, com a participação ativa de jovens psicanalistas. Ana Clara Duarte Gavião resalta que essa diversidade de vozes abrange uma gama de questões que refletem as complexidades da experiência humana.

**Silvana Torres**

Diretora de Publicações e
Divulgação da Febrapsi,
membro da Sociedade
Psicanalítica do Rio de
Janeiro (SPRJ)

Rogério Lerner destaca iniciativas como o Research Training Programme (RTP), enquanto Carlos Pires Leal enfatiza a nova Comissão Psicanálise, Clima e Vida, que busca integrar questões ambientais à prática psicanalítica. Marcela Marsaioli Stein, ao falar sobre a Comissão de Clínica Social, destaca a inclusão de ações afirmativas para grupos marginalizados, refletindo na evolução da psicanálise em direção a uma prática mais inclusiva.

Que este editorial, ao dialogar com as contribuições de nossos colegas, sirva como um chamado à ação para fortalecer nossas instituições. A psicanálise deve estar cada vez mais próxima da comunidade que atende, reafirmando seu compromisso com a diversidade e a inclusão.

Boa leitura!

O 30º Congresso Brasileiro de Psicanálise da Febrapsi: observações a posteriori

Após dois anos de preparação intensiva, incluindo eventos científicos em 17 cidades brasileiras, é muito gratificante a experiência do 30º Congresso da Febrapsi ter se concretizado com elevado índice de satisfação entre os congressistas.¹ O congresso foi realizado no período de 22 a 25 de outubro em Gramado (RS).

¹ A pesquisa de satisfação realizada após o 30º Congresso em Gramado, disponível no *site* da Febrapsi, indica como “Excelente” a experiência para 68% dos congressistas, “Muito boa” para 27% e “Boa” para 5%. As opções “Regular” ou “Ruim” não foram mencionadas.

Considerando que a pitoresca cidade de Gramado já tinha sido escolhida pelo Conselho Diretor da Febrapsi para sediar seu 28º Congresso – escolha frustrada devido à pandemia –, foi especial a oportunidade de recuperar tal escolha, após o rodízio regulamentar entre as regiões e a realização do 29º Congresso em Campinas, em 2023.

No entanto, quando a tragédia mundial decorrente da COVID-19 já estava relativamente superada, as enchentes que impactaram o Rio Grande do Sul no final de abril de 2024 se tornaram o maior desastre climático registrado no estado, com o fecha-



Ana Clara Duarte Gavião

Membro efetivo e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)
Diretora do Conselho Científico da Febrapsi – 2024/2025

mento do aeroporto Salgado Filho por cinco meses, justamente no período em que era necessário optar definitivamente pelo local onde seria o 30º Congresso, com a região sul previamente recomendada pelo rodízio nacional das federadas e a cidade de Gramado a mais votada para sediá-lo.



A segunda visita técnica aos centros de convenções indicados se deu pela Base Aérea de Canoas, e as ponderações junto às diretorias das quatro federadas do sul – SPPA, SBPdePA, SPPel e GEP/SC – permitiram o enfrentamento conjunto dos impasses e incertezas diante do cenário dramático das inundações, mortes e inúmeras perdas que afetaram o povo gaúcho.

Com a prevalência de sentimentos de confiança, solidariedade e esperança de crescente reconstrução da região, mantivemos a proposta de reafirmar a cidade de Gramado como sede do Congresso Brasileiro de Psicanálise. De certa forma, a decisão aludia, simbolicamente, a Eros e à força da pulsão de vida em tempos de crise ambiental global.

Por sua vez, o tema do 30º Congresso havia sido escolhido pelo Conselho Científico em fevereiro de 2024, em São Paulo, com a participação dos diretores científicos das 19 federadas que compõem a Febrapsi, além da diretoria da Associação de Analistas em Formação (ABC), tendo como referência a homenagem ao centenário do texto freudiano de 1925 *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*. Ao final da tarde desse sábado de intenso trabalho, ocupado desde a manhã por interessantes reflexões, debates e sugestões, chegou-se ao consenso do tema “Sexualidade, o tumulto das diferenças”.

Como ressaltei na cerimônia de abertura, a relevância do tema da *psicosssexualidade* – como Freud conceituou – pode ser observada de maneira recorrente em todas as relações humanas, quando os conflitos,

inevitavelmente, estimulam a intolerância compulsiva ao diferente, ao não Eu, em áreas narcísicas da mente.

Atitudes intolerantes se manifestam em todos os relacionamentos, como testemunhamos em grupos de trabalho, grupos institucionais e, de maneira bastante evidente, nas instituições psicanalíticas, quando polarizações políticas se sobrepõem aos propósitos científicos, éticos e sociais.

Sou imensamente grata ao Luiz Celso Toledo e à diretoria da Febrapsi pela oportunidade de convívio grupal democrático, permanentemente pautado pelo respeito às diferenças e a decisões colegiadas, compartilhadas com os presidentes das federadas e respectivos delegados.

Para a clínica psicanalítica, incluindo a clínica social, interdisciplinar e as demandas relacionadas às neosexualidades, o tema do 30º Congresso mostrou-se muito fértil, uma vez que a apreensão das dimensões intersubjetivas inconscientes implica levar em conta experiências emocionais primitivas desprovidas de vinculação com o pensamento simbólico e, portanto, catexizadas pela intensidade de afetos desconectados de palavras, sem acesso consciente aos significados subjetivos, automaticamente transformados em sintomas defensivos, manifestados por identificações projetivas no *corpo erógeno* e, transferencialmente, no campo psicanalítico, assim como nas relações humanas em geral.

Vale destacar que o tema da psicosssexualidade é indissociável do clássico modelo edípico, uma vez que, desde *A interpretação dos sonhos* (1900), Freud se refere ao “não seio”, à falta afetiva vivenciada pelo bebê recém-nascido de maneira indissociável da experiência de fome fisiológica e à tolerância à realidade da insuficiência do objeto como paradigmas de desenvolvimento da constituição da subjetividade, da experiência de diferenciação Eu e não Eu, do sistema fusional para o triangular.

Estimulados pela complexidade da temática profundamente trabalhada nas 17 jornadas preparatórias em 2024 e 2025, assim como nas imersões durante o pré-congresso em cinco *Working Parties*, no Congresso ABC e no Encontro COWAP, foi possível congregar, em Gramado, mais de 1.600 congressistas, participantes das várias atividades, num total de 28 cursos, 118 mesas-redondas, 15 diálogos interdisciplinares, 12 discussões de casos clínicos, 4 exercícios clínicos, 126 temas livres, 49 pôsteres digitais e 15 pôsteres da Comissão de Clínica Social.

A beleza natural nos favoreceu com quatro dias ensolarados, assim como a assessoria eficiente das empresas e equipes parceiras contribuiu para a atmosfera afetuosa e altamente instrutiva que se instalou no centro de convenções dos hotéis gramadenses.

Muitíssimo obrigada, colegas! Até o próximo Congresso em 2027, no Recife (PE), outro lindo cenário do nosso país, desde já desejando grande sucesso ao novo Conselho Diretor da Febrapsi neste próximo biênio!

Febrapsi tem nova diretoria para o biênio 2026–2027

A Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) realizou, no dia seis de dezembro de 2025, a última Assembleia de Delegados do biênio, sob a presidência de Luiz Celso Toledo. Reuniram-se presidentes das federadas, seus delegados e a diretoria da Federação para a eleição e posse da nova diretoria para o biênio 2026–2027. Durante a assembleia, foi eleito o novo Conselho Diretor, que assumirá a condução da Febrapsi nos próximos dois anos. A composição ficou definida da seguinte forma:

PRESIDENTE: Gleda Brandão Coelho Martins Araújo – SPMS

SECRETÁRIO GERAL: Fabio Firmino Lopes – GEP-SC

TESOUREIRO: Mário Tregnago Barcellos – SPPA

CONSELHO DE COORDENAÇÃO CIENTÍFICA: Rosa Maria Carvalho Reis – SPRJ

SECRETÁRIA DA COORDENAÇÃO CIENTÍFICA: Anette Blaya Luz – SPPA

CONSELHO PROFISSIONAL: Maria Arleide da Silva – SPRPE

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO: Claudia Cristina Antonelli – SBPCamp

DEPARTAMENTO DE COMUNIDADE E CULTURA: Luciana Estefno Saddi – SBPSP

DIRETORIA SUPERINTENDENTE: Adriana Guimarães Lasalvia – SBPRJ

Em nota, a diretoria da Febrapsi expressou seu reconhecimento ao trabalho realizado ao longo do biênio que se encerra e desejou êxito e inspiração à nova diretoria.

Febrapsi tem 19 federadas e missão de difundir a psicanálise

O que é uma instituição senão um grupo de pessoas que se reúnem por algum propósito, criam regras e seguem um objetivo?

Assim é a Febrapsi, uma instituição que congrega outras instituições. Uma federação composta por 19 federadas, as sociedades e grupos de estudo brasileiros filiados à IPA (International Psychoanalytical Association), com a missão de difundir a psicanálise. Esta missão se desenvolve de diversas maneiras, sendo a principal a realização do Congresso Brasileiro. São dois anos de construção, desde a escolha do tema, sempre em conjunto com os diretores científicos das federadas, passando pelas atividades preparatórias e culminando no grande encontro científico, que é o Congresso.

Mas o que é congregar 19 instituições? É, antes de tudo, lidar com a diversidade de sotaques, de pensamentos, de abordagens teóricas, de visões sobre a psicanálise. É compor com as entidades componentes para definir os rumos que a federação vai tomar. Onde devemos investir para cumprir o propósito de difundir a psicanálise? Investimos em projetos sociais e culturais, em pesquisa, em produção científica.

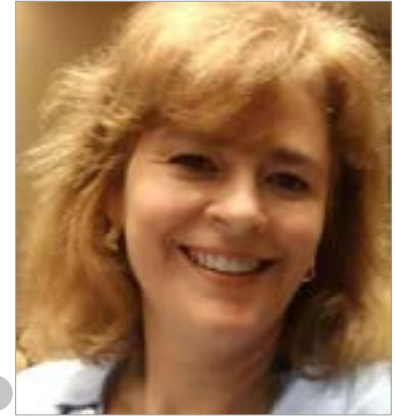
A instituição é um organismo vivo, que se desenvolve, acompanha os movimentos sociais e políticos, vive crises, se desorganiza e se reorganiza. É feita de pessoas, pessoas que fazem parte e pessoas que disponibilizam seu tempo e trabalho para o desenvolvimento da instituição.

Pelo percurso que tive, compondo a diretoria da Febrapsi nas últimas gestões, pude acompanhar de perto muitas transformações que ocorreram na nossa instituição e que hoje estão organicamente incorporadas. A pandemia escancarou

a problemática social do nosso país. A Febrapsi, a partir da Diretoria de Comunidade e Cultura, criou o grupo de estudos sobre racismo e práticas antirracistas. Iniciou-se o letramento para estas questões antes “foraolvidadas” da nossa prática. Algumas federadas deram início a projetos de ações afirmativas para inclusão na formação, de pessoas pretas e indígenas. As gestões seguintes da Febrapsi incorporaram este movimento, facilitando a presença dos alunos destes projetos de ações afirmativas nos Congressos por meio de bolsas e, posteriormente, verbas foram aprovadas para incentivar a continuidade desse movimento.

Foram criados projetos de atendimento psicanalítico voltados para o social. Muitas federadas têm seus próprios projetos, mas em nível nacional, temos o SOS Brasil, bastante representativo desta visão recente de incorporar à prática clínica o atendimento à comunidade.

Várias comissões foram criadas. As comissões são grupos com representantes das diversas federadas que estudam algum assunto. É um ambiente de trocas científicas e de experiências, que promovem a produção de conhecimento e integração entre as federadas. As comissões mais antigas são as de Comunidade e Cultura e a de Infância e Adolescência. Além dessas, foram criadas as comissões de



Daniela Bormann Vieira

Membro efetivo da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) e secretária geral da Febrapsi

estudo sobre Racismo e Práticas Antirracistas, comissões de Casal e Família, dos Institutos de Formação, da Clínica Social e, mais recentemente, a do Clima.

Com a facilidade que a tecnologia proporciona, foram criados os grupos de trabalho/comunicação. Primeiramente o grupo com os presidentes, de modo que comunicação ficou mais próxima e direta. Seguindo este modelo, algumas diretorias também têm seus grupos, de modo a estreitar a comunicação. Foram criados os grupos de diretores científicos, do conselho profissional e o de divulgação. Naturalmente, sem abdicar das comunicações formais, seguindo os trâmites institucionais.

Iniciamos o programa de treinamento em pesquisa (RTP), que aproxima nossa instituição de universidades comprometidas com pesquisa e produção de conhecimento.

Todas essas ações foram criadas nas últimas gestões e transformaram o modo de funcionamento da Febrapsi, aproximando a diretoria da Febrapsi das federadas. Mas, não apenas isso, também acompanhando o movimento das mídias sociais, a comunicação da Febrapsi se abriu, atingindo praticamente 25 mil seguidores só no Instagram. Nosso YouTube tem muitas visualizações e o podcast “Associação Livre” tem sido muito assistido. Algumas comunica-

ções, que eram apenas internas, como o Boletim das Federadas e o Febrapsi Notícia, passaram a ser enviados ao grande público. Todos esses veículos de comunicação levam ao público o que é a nossa psicanálise. Digo “nossa psicanálise” porque tem havido diversos segmentos que se apropriam do termo “psicanálise” para vender supostos cursos de formação, sem nenhuma consistência sobre o que é o processo de formação de um psicanalista.

Nosso crescimento institucional e abertura ao grande público é também uma forma de combater esse estelionato. A Febrapsi se coloca como referência (jurisprudência) para as questões do âmbito do conselho profissional. Em meio às tentativas de regulamentação da profissão de “psicanalista”, pleiteada por universidades, é fundamental termos uma Febrapsi forte e representativa da boa prática psicanalítica. Nos sustentamos na nossa tradição de rigor ético e científico da formação de psicanalistas, oferecida pelas nossas federadas.

Fora das instituições psicanalíticas, pouco se sabe sobre o processo de formação. Podemos dizer que se baseia no tripé: análise pessoal de alta frequência, supervisões e seminários teóricos e clínicos. Podemos acrescentar que a participação na vida institucional tem sido valorizada e considerada o quarto eixo da formação. Mais recentemente, estamos falando de um quinto eixo, a experiência voltada para a comunidade. No entanto, este conjunto de requisitos são na realidade uma vivência de transformação da pessoa “candidata a analista”, uma experiência complexa, rica e também bastante afletiva. A formação é uma preparação para poder ouvir e cuidar de pessoas que buscam a análise, sempre em função de angústia ou sofrimento.

Cada gestão foi dando corpo às propostas e projetos criados pela anterior e criando novas propostas a serem implementadas pela gestão seguinte. Talvez seja esse o nosso principal “segredo” de crescimento: a continuidade.

Todos esses movimentos se refletiram no aumento expressivo do número de participantes nos dois últimos congressos. Aumento das propostas científicas dos membros e de submissões de trabalhos para tema livre. Mas também no aumento do interesse de jovens e estudantes pela psicanálise e grande participação da comunidade em eventos preparatórios das federadas para o congresso.

Como coloquei acima, a instituição é um corpo vivo, composto por pessoas. São as pessoas que desempenham as funções, executam as tarefas, cuidam e desenvolvem as instituições. Gratidão às pessoas que ao longo desses quase 60 anos contribuíram para que a Febrapsi fosse hoje esta instituição pujante e em pleno desenvolvimento.



Febrapsi cria comissão que trata da crise climática

No último dia 10 de dezembro, a Febrapsi inaugurou a Comissão Psicanálise, Clima e Vida. Aprovada por unanimidade pela Assembleia de Delegados (08/11/25), a Comissão nasce reunindo representantes de 12 federadas e de um dos quatro grupos de estudos da instituição.

A Comissão é a continuidade de um movimento iniciado com o curso “Psicanálise, a questão ambiental e a emergência climática”, promovido em março de 2025 pela Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro que levou, de forma pioneira, para dentro da grade curricular da formação psicanalítica, a questão da emergência climática, tomando como referência teórico-clínica a psicanálise.

A nossa instituição começa, a partir de agora, a estudar, difundir e produzir de forma mais sistemática conteúdos sobre a contribuição da psicanálise para a compreensão e o enfrentamento da crise climática.

Poucos colegas têm conhecimento da original, extensa e rica produção no campo psicanalítico sobre a questão ambiental.

Ela já conta com 65 anos de existência. O marco inaugural é o texto do psicanalista nova-iorquino Harold Searles, intitulado “O ambiente não humano no desenvolvimento normal e na esquizofrenia”, escrito em 1960. Ele chamou a atenção de Winnicott que o resenhou.

A vida do planeta está gravemente ameaçada por uma crise climática sem precedentes na história humana. Seus impactos já fazem parte do nosso cotidiano. A ciência sugere que tenham vindo para ficar. A nossa clínica vem sendo impactada pela tragédia ambiental: somos crescentemente procurados por pessoas que viveram diretamente seus efeitos e por outras que se angustiam ao antecipar suas consequências em um futuro próximo.



Carlos Pires Leal

Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) e cocoordenador da Comissão Psicanálise, Clima e Vida, da Febrapsi

Duas catástrofes climáticas – a de 2011 em Nova Friburgo e as inundações no Rio Grande do Sul – mobilizaram a comunidade psicanalítica para o atendimento das pessoas atingidas, tanto em seus consultórios como presencialmente em campo, quando essas tragédias ainda estavam ocorrendo. Os psicanalistas gaúchos mobilizaram imediatamente dezenas de colegas em todo o Brasil que, de forma voluntária, atuaram na linha de frente da tragédia.

Penso que a nossa implicação, como psicanalistas e cidadãos, com a questão climática é um imperativo social e ético, afinal, o que pode haver de mais relevante para a civilização e a cultura do que a permanência e a sustentação da vida? Freud, tendo vivido de perto a experiência de duas guerras, ficou extremamente mobilizado com seus impactos sobre a civilização, chamando a nossa atenção para sua fragilidade para conter os ímpetos de Tântalos e o “apetite humano para a autodestruição”.

A Psicanálise vem se nutrindo, tanto no plano teórico-metapsicológico quanto no espaço da clínica, pela expansão da compreensão do conceito de ambiente e clima. Para além da dimensão de algo que nos cerca e nos é externo, ambos estão em nós: nos formam, constroem e instituem a nossa subjetividade. São formados e transformados por nós – e nos transformam. Integram indissolivelmente os processos de vinculação social.

A Comissão Psicanálise, Clima e Vida está aberta à sua participação. Acompanhe suas atividades. Contribua para o seu desenvolvimento e permanência.

Que essa Comissão que está nascendo se ocupe da vida, se aliance visceralmente a Eros e tenha vida longa! Contato: comisaopsicivida@gmail.com



Incêndio florestal na Califórnia em 2021
Foto: Lynsey Addario, National Geographic

O Papel das instituições psicanalíticas e a importância da nova Comissão de Clínica Social da Febrapsi



Marcela Marsaioli Stein

Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas (SBPCamp)
Coordenadora da Comissão Clínica Social

A psicanálise nasceu para escutar o sofrimento humano – e não apenas o sofrimento que chega aos consultórios tradicionais –, mas também aquele que permanece às margens, silenciado pela vulnerabilidade social. A criação da **Comissão de Clínica Social da Febrapsi** representa, nesse sentido, um passo essencial para que as instituições psicanalíticas brasileiras reafirmem seu compromisso ético com a sociedade.

Esse movimento não surge do nada. Ele está profundamente enraizado tanto na história da psicanálise quanto no percurso recente das Clínicas Sociais das Sociedades de Psicanálise vinculadas a Febrapsi.

Raízes freudianas de um compromisso social

A obra de Elizabeth Danto resgata a profunda virada social do pensamento freudiano, mostrando que Freud defendia que o acesso ao cuidado psíquico fosse um direito de todos, independentemente de condição econômica. Seu discurso no Congresso de Budapeste (1918), publicado em 1919, marca esse ponto de transformação. Ali, Freud afirma que o tratamento analítico deveria ser estendido ao povo e que, para isso, seria necessário o apoio de instituições e do próprio Estado.

Ele escreve:

"o pobre tem exatamente tanto direito a uma assistência à sua mente quanto o tem, agora, à ajuda oferecida pela cirurgia"

Freud também reconhece a necessidade de adaptação institucional e técnica diante da realidade social:

"à aplicação em larga escala da nossa terapia nos forçará a fundir o ouro puro da análise livre com o cobre da sugestão direta"

Portanto, desde suas origens, a psicanálise já apontava para a urgência de instituições que garantissem o acesso ao cuidado psíquico, em sintonia com as desigualdades do mundo.

Da escuta individual à construção coletiva – a história recente da Comissão

A trajetória que levou à criação da Comissão de Clínica Social da Febrapsi começou de forma simples e profundamente humana: um pequeno grupo de diretoras de Clínicas Sociais que se reuniam para trocar experiências e sustentar mutuamente o trabalho clínico e institucional.

Como relatado no documento *Da Escuta Individual à Construção Coletiva*, o grupo "Dialogando a Clínica Social" surgiu em 2022, expandindo-se pela força de um desejo comum: fazer a psicanálise circular além dos muros das nossas sociedades psicanalíticas.

Esses encontros espontâneos revelaram que a clínica social não era um dispositivo auxiliar para formação, mas sim uma clínica verdadeiramente voltada à comunidade — um espaço de acolhimento, escuta e construção de saúde mental onde antes havia apenas silêncio.

A oficialização da Comissão em 2023 consolidou esse movimento, permitindo que a Febrapsi oferecesse suporte, intercâmbio

e diretrizes compartilhadas. Esse gesto institucional fortaleceu e deu visibilidade a práticas já existentes e, sobretudo, inspirou novas clínicas – como no caso da SBPCamp, que pôde estruturar seu regimento, seus corpos clínico, de supervisão e de triagem, iniciando suas atividades em 2025.

Por que essa Comissão importa?

Porque ela transforma a psicanálise em política pública de fato, mesmo antes que o Estado a reconheça plenamente. Porque articula formação, ética e responsabilidade social.

Porque amplia o acesso ao cuidado psíquico num país marcado por desigualdades.

Porque cria uma rede nacional de apoio, estudo e ação coletiva, capaz de responder a emergências (como as vividas no período de enchentes no RS), refletir sobre dinheiro e ética na clínica social, e produzir conhecimento sobre sofrimento psíquico em contextos vulneráveis.

Mais do que uma estrutura organizacional, a Comissão inaugura um modo de estar no mundo como psicanalistas: com os pés na comunidade e o ouvido voltado à singularidade.

Assim, as instituições psicanalíticas reafirmam seu papel fundamental: serem guardiãs da escuta, da dignidade e do direito à saúde mental para todos.

Instituições psicanalíticas pelo vértice de W. R. Bion

As instituições, como quaisquer grupos, precisam conservar sua coerência e identidade, por meio de empenhos e desempenhos que se manifestam como leis, códigos, cultura e linguagem. Ao mesmo tempo, esses esforços multidimensionais são constantemente pressionados, ou atraídos para configurações primitivas que causam desequilíbrio nos objetivos de trabalho.

Inicialmente, Bion descreveu essas configurações com o nome de *pressupostos básicos*, que tendem a unidimensionar o grupo seguindo lógicas que podem ser de três tipos: paranoica, dependência ou messiânica. Sem superar essas lógicas o grupo de trabalho não se instala.

O grupo de trabalho também necessita de *indivíduos criativos*, e por isso necessita tomar providências em favor do papel que exercem, pois podem beneficiar a todos com suas ideias.

A *atividade criativa* denota mais especificamente a *capacidade* de fazer surgir algo novo, e que não pode ser derivado simplesmente a partir daquilo que já existia. Não se pode pensar numa criação em termos *lineares*, *ela é muito mais algo da ordem de uma complexidade que salta a nossa vista*. Portanto, uma *criação* é um movimento que produz alterações significativas em determinados estados que se conectam, não sendo sinônimo de *produção* (que envolve mimetismo e repetição).

No sentido psicanalítico, podemos dizer que *toda criação é uma cesura*. Uma *cesura* é a *iniciativa que faz nascer a diferença entre conhecimento e pensamento*, diferença essencial explicitada por Bion.

As *criações* também podem ser consideradas como *mudanças catastróficas*, portanto, todos os indivíduos, de algum modo, estão sujeitos a realizá-las e sofrer as consequências de seus efeitos. São parte significativa e inevitável da psicanálise prática (Bion, 1965), onde se encontram as relações entre perigo e alcançar significados.

A observação de Bion coloca uma perspectiva *complexa* nos fenômenos da *intuição*, *imaginação* e *criação*, em um *espectro* de possibilidades desafiadoras que vão do indivíduo que as possui e seu acolhimento pelo grupo social e vice-versa.

As *criações* destes indivíduos – as *cesuras* que eles produzem – podem ser chamadas de *social-históricas*, pois atuam como um divisor de águas na história da humanidade. Existe um antes e um depois de suas criações.

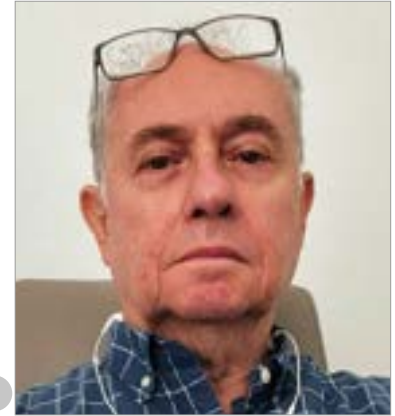
O alcance desta constatação é imenso, pois significa que existe um tipo de *ser humano* que cria o que podemos chamar de *alteridade*, e que ao se tornar para os demais indivíduos de uma sociedade fonte de alteridade, altera a si mesmo.

O fundamento filosófico destas ideias pode ser resumido pela citação que Bion (1970) faz de Nietzsche: *a função de uma nação é gerar e acolher um gênio*.

O gênio/místico é o que está no espaço-tempo entre um mais além da mente social e um mais além da mente criativa, a qual também podemos chamar de pensamento sem pensador, isto é, uma força futura criativa sem personagem.

Aqui a noção de “*entre*” é extremamente significativa pois caracteriza o *vínculo humano*, criando algo que podemos chamar de “*mesmidade*”, onde um indivíduo se coloca perante outro com respeito por sua autonomia, de forma livre e desinteressada, com objetivo de conhecer, aprender, ou captar sua humanidade. Isso decorre do fato de que a verdade habita as profundezas e não há quem a possua. Por essa razão, diz Bion (1970): *o único pensamento verdadeiro é um pensamento sem pensador*.

Ao nos proporcionar essa visão, Bion desmistifica o personagem histórico excepcional, o místico/gênio, e nos coloca a



Arnaldo Chuster

Membro Efetivo e Didata da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro

Membro do Newport Psychoanalytical Institute (Califórnia)

Membro Honorário do Instituto W.Bion (Porto Alegre)

todos como seres *excepcionais*. Em outras palavras, no universo não existem coisas ou seres *sobrenaturais* que se opõem a seres e coisas *naturais*. Tudo é constitucionalmente excepcional, isto é, *complexo*.

O trabalho de Bion cria uma ética de pensamento que nos afasta da *sobrenaturalidade* para nos fazer observar a *singularidade* de cada indivíduo perante a realidade psíquica.

A *realidade psíquica* precisa ser observada sem benfeitorias de uma ideia de ordem ou leis antropomórficas, tantas vezes positivistas e deterministas, ditando o que é a ciência dessa observação.

Nietzsche afirmou que a natureza é a *realidade privada de toda ideologia*. O ser humano, quando acrescenta *ideologia* às suas observações, está se valendo de *memórias* e *desejos* para observar e impor seus temores mais ocultos. Como consequência, uma observação cheia de *memórias* e *desejos* retira a riqueza da mente humana para sustentar uma outra instância, a de demanda religiosa, demanda por onipotência ontologicamente fixa, sem epistemologia, e geralmente com conteúdos intimidatórios em relação a investigar o desconhecido.

Se aplicarmos esse modelo ao uso da palavra, veremos que essa pode ser limitada pelas letras e regras gramaticais, mas a realidade para a qual ela se abre pode ser reconhecida como uma *realidade infinita*¹.

¹ Guimarães Rosa: “Meu lema é: a linguagem e a vida são uma coisa só. Quem não fizer do idioma o espelho de sua personalidade não vive; e como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente. Isso significa que, como escritor, devo me prestar contas de cada palavra, o tempo necessário até ela ser novamente vida. O idioma é a única porta para o infinito”.

Na poesia e na literatura esse aspecto é facilmente visível e observável. Alguns autores possuem o dom de associar certas palavras que dão um aspecto totalmente inusitado ao sentido comum previamente existente. Freud realizou isso muitas vezes com *imagens* tiradas dos mitos e da literatura. As imagens por ele utilizadas provam que existe *sentido* no que parece não ter, que existe algo enigmático no que parece evidente, e que existe uma profundidade de pensamento no que parece ser apenas um lugar comum.

Por outro lado, a psicanálise é um campo específico, lida com a dor psíquica, por isso precisa de uma ética de pensamento para acolher essa visão *estética*. Sem essa ética a prática fica à mercê de hábitos e crenças. Podemos resumi-la da seguinte forma: Na prática psicanalítica, uma *interpretação* precisa ser capaz de abrir um mundo novo, não saturado com sentidos comuns. Ela precisa revelar um mundo que vai mais além da gramática e da combinação de letras. Trata-se de um mundo que reflete a *simetria finito/infinito*. Bion sugeriu que para nossa conveniência podemos usá-la no lugar de consciente/inconsciente.

Constantemente, o trabalho analítico possui vínculo com a instituição e enfrenta o que Bion chamou de "Establishment" (1970), ou o conjunto de pessoas dentro da instituição de quem se

espera responsabilidade para exercer a administração, da qual faz parte encontrar e prover um substituto para gênio. Uma de suas atividades mais controversas é promulgar regras ou estatutos para favorecer a experiência direta de ser psicanalítico, o que significa o movimento de tornar-se analista e não apenas conhecer sobre psicanálise. Todavia, a questão poética (criatividade) do ser humano parece deixar de lado toda dimensão lógica existente nesses estatutos. Entretanto, felizmente não é exatamente assim. Existe uma "lógica" de produção que leva em conta a complexidade de dimensões e múltiplas interações.

Por exemplo, na prática, quando surge um sonho, trata-se de uma formação complexa, na qual a *imaginação* intervém em um grau extraordinário, frequentemente ofuscante de criatividade em suas associações, em suas invenções, e até fazendo trocadilhos.

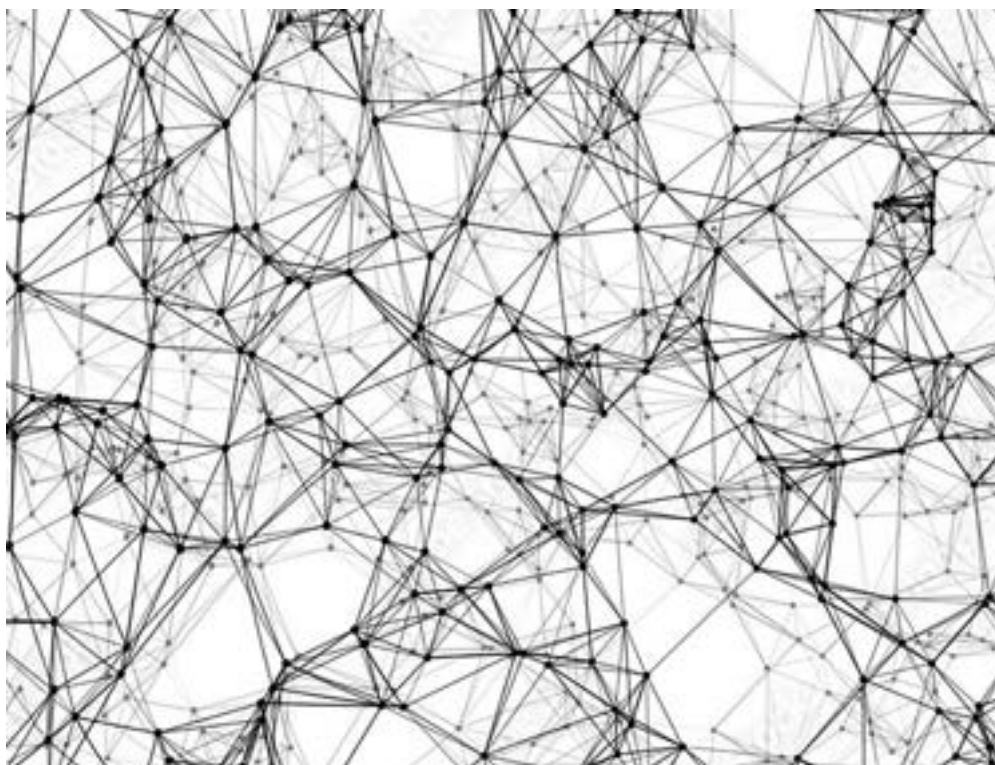
Mas, o sonho também possui cálculos, ou seja, a *imaginação criadora poética* deve

se instrumentalizar para poder dizer o que tem a dizer, e reconhecer que o inconsciente é determinado como inconsciente. Há um modo de ser que lhe é próprio, e que lhe confere a humanidade.

O grupo e o místico/gênio são essenciais um ao outro; mas é importante observar como ou por que o grupo pode destruir o místico ou o místico pode destruir o grupo. Este é sempre um dos obstáculos a serem vencidos para que haja futuro institucional.

REFERÊNCIAS

- WR BION _____ (1965) *Transformações, Imago*, Rio de Janeiro.
- _____ (1970) *Atenção e Interpretação, Imago*, Rio de Janeiro.
- _____ (1975) *The Grid and Caesura, Imago*, Rio de Janeiro.
- Carneiro Leão, E. (1976) *Aprendendo a Pensar*, Vozes, Petrópolis, 2ª ed., 1999.
- Chuster, A. (1989) *Um Resgate da Originalidade: os conceitos essenciais da psicanálise em W.R.Bion*, Degraus Cultural, Rio de Janeiro.
- _____ (1996) *Diálogos Psicanalíticos sobre W.R.Bion*, Tipo & Grafia, Rio de Janeiro.
- _____ (1997) *Cadernos de Bion 1: Seminários com Arnaldo Chuster - Uma teoria do pensar, aprendendo com a experiência*.
- _____ (1998) *Bion cria de fato uma nova psicanálise?* Revista de Psicanálise da SPPA, vol. V, no 3, 1998.
- _____ (1999) *W.R.Bion: Novas Leituras. Vol.I: a psicanálise dos modelos científicos aos princípios ético-estéticos*. Companhia de Freud, Rio de Janeiro.
- _____ (2003) *W.R.Bion: Novas Leituras: a psicanálise dos princípios ético-estéticos à clínica*, Companhia de Freud, Rio de Janeiro.
- _____ (2004). *Os princípios ético-estéticos de observação*. Trabalho apresentado na Conferência Internacional sobre a Obra de Bion, São Paulo.
- _____ (2005) *Interpretações analíticas e princípios ético-estéticos de observação*. Trabalho apresentado no 44º Congresso da IPA, Rio de Janeiro, julho de 2005.
- _____ (2006) *Transformações e Significado In: Linguagem e Construção do Pensamento*. Org. Jose Renato Avzaradel, Casa do Psicólogo, São Paulo.
- _____ (2007) *As Origens do Inconsciente; arca-bouços da mente futura*. Revista da SBP de PA, vol. XIV no2 agosto/2007.
- _____ (2009) *Lavorare com Bion nella clinica psicoanalitica*. In Com Bion verso il futuro, editado por Giorgio Corrente, Borla, Roma.
- _____ (2010) *the Origins of the Unconscious*. In: *Primitive Mental States; a psychoanalytical exploration of meaning*. Edited by Jane Van Buren and Shelley Alhanati. Routledge, New York.
- _____ (2011) *O Objeto Psicanalítico*. Edição Instituto W. Bion, Porto Alegre.
- _____ (2012) *Cesura e Imaginação Radical: obtendo imagens para a resignificação da história primitiva no processo analítico*. In: *Sobre a Linguagem e o Pensar*. Org. Jose Renato Avzaradel. Casa do Psicólogo, São Paulo.
- _____ (2014) *A Lonesome Road: essays on the complexity of W.R.Bion's work*. TrioSudios / Karnac, Rio de Janeiro.
- _____ (2017) *Simetria e Objeto Psicanalítico: desafiando paradigmas com W.R.Bion*. Trio Studio, Rio de Janeiro.
- _____ (2018) *Serendipidade e memória do Futuro: pensamentos selvagens em busca de uma descoberta*. Trabalho apresentado na Jornada Bion da SBPSP, São Paulo, abril 2018.
- _____ (2025) *Linguagem de alcance Psicanalítico*, Blucher, São Paulo.



ARTHUR VINSMOKE
Desenho abstrato

Instituições psicanalíticas como entidades vivas

Ao realizarmos os pré-congressos referentes ao XXX Congresso Brasileiro de Psicanálise da Febrapsi, um aspecto sobressaiu em nossas observações: a visível transformação do público que ocorria aos eventos. As plateias recebidas traziam um frescor de curiosidade, expresso não só nas aparências (idades, estilos de vestimenta, gênero), mas, principalmente, nas questões acrescentadas ao debate e nas posturas interessadas nos processos de aprendizagem.

Uma questão se apresenta após tal observação: o que está atraindo esse novo público à psicanálise e o que a psicanálise tem a oferecer a quem a procura?

O caminho que percorro nesta reflexão passa por inúmeras estações, desde a história da própria psicanálise até a forma como nós, brasileiros, nos apropriamos desse campo de conhecimento e o implementamos como prática clínica.

A psicanálise no Brasil, hoje, encontra-se representada por várias instituições e universidades, produzindo um volume considerável de estudos, pesquisas, palestras, cursos, seminários e, notadamente, atendimentos psicológicos.

Durante muitos anos, a psicanálise situou-se entre o polo do conhecimento hermético, dominado por elites econômicas e culturais, e o polo de uma disseminação indiscriminada, em que qualquer terapeuta e qualquer psicoterapia poderiam ser chamados de “análise”. À medida que foram divul-

gadas diferenciações importantes – entre elas, a distinção em relação a outras abordagens que precisavam de espaço enquanto técnicas terapêuticas –, definiu-se melhor o que significa a psicanálise: o olhar para o inconsciente, a valorização do vínculo terapêutico e a ênfase na formação do analista, tanto teórica quanto pessoal.

A Febrapsi, por meio de suas federadas em diversas regiões do Brasil, promove permutas de alto valor científico, publicações de grande profundidade e conferências que afinam a prática de seus membros e de estudiosos interessados.

Seguindo essa senda inicial, configuro como especial o aporte da psicanálise brasileira por meio de canais diversificados. Tanto a psiquiatria, no tocante às práticas de saúde mental em hospitais públicos e instituições manicomiais, quanto a Universidade — em faculdades de Medicina e de Psicologia — trouxeram conhecimentos da psicanálise europeia e erudita para os meios de trabalho com as dinâmicas mentais descritas nos campos da educação e da saúde.

Esse conjunto novo de possibilidades de trabalho gerou uma demanda muito peculiar no Brasil e, ao longo de décadas, trouxe especificidades à prática brasileira em relação àquela produzida em outros países da América Latina, da América do Norte e da Europa. Descrevo, de modo geral, uma trajetória de mais de um século, que culmina hoje em uma psicanálise muito pujante e moderna.



Josiane Barbosa Oliveira

Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP)
Diretora de Comunidade e Cultura da Febrapsi 2024/2025

Como decorrência de todos os movimentos descritos, surge a necessidade de implantação de ações afirmativas junto aos centros formativos de psicanalistas no Brasil. Há um constante avanço nos conhecimentos à medida que mudanças sociais ocorrem. Surgem novas demandas, emergem inúmeras tensões intrapsíquicas e, com isso, de forma natural, detectou-se a necessidade de providências significativas para o acolhimento de novas epistemologias que, agregadas ao já robusto corpo psicanalítico, representem de maneira mais ampla a prática da psicanálise.

Hoje, no Brasil, temos ações afirmativas voltadas para pessoas negras, indígenas e imigrantes, em vários níveis. Desde núcleos que abrem seus espaços para frequências provisórias de interessados em estudos psicanalíticos até aqueles que, de forma mais sistemática e programada, inserem programas de formação de psicanalistas, concedendo bolsas de análise pessoal, supervisões e formação teórica.

Esse avanço ocorre desde 2021 e, portanto, trata-se de uma prática recente. No último congresso, realizado em outubro de 2025, na cidade de Gramado

(RS), registrou-se uma participação recorde de membros filiados, associados, efetivos e didatas negros. Estabeleceu-se maior representatividade do povo que se vê nas ruas dentro dos corredores da psicanálise. Os temas abordados pelos psicanalistas negros englobavam várias das temáticas do congresso, mas também outras de interesse amplo, não ficando restritos às discussões étnico-raciais.

Quando um país se abre dessa forma, revendo a própria visão de si mesmo, algo novo está acontecendo. Denomina-se dinamismo, vida, crescimento, abertura, construção de conhecimento. Não há ilusão de que muitas resistências

existam – e elas são legítimas. Há um medo justificado de que a psicanálise, tal como se apresenta atualmente, seja descaracterizada. No entanto, desde a sua criação, entre 1890 e 1900, sempre houve acréscimos, descobertas e ampliações.

Neste momento, o reconhecimento da diversidade configura-se como um avanço esperado. Se os vislumbres forem discutidos em seus detalhes e profundidades, todos ganham: todos

são vistos, todos são contemplados pela representatividade. A psicanálise, cada vez mais inclusiva, cada vez mais analítica – e não sintética –, tem a oferecer reflexões ricas e transformadoras.

Ao avaliar-se a produção nacional de textos e reflexões científicas no Brasil, constata-se uma produção digna de reconhecimento. Por isso o dinamismo, por isso a vitalidade. Por uma psicanálise cada vez mais implicada e próxima do povo que atende.



ARTHUR TIMOTHEO DA COSTA
Estudo de Cabeças
Século XIX

"Não existe uma regra de ouro que se aplique a todos; cada um tem de descobrir por si mesmo de que modo específico pode ser salvo da infelicidade."

(Freud, em O mal-estar na civilização, 1930, ESB, v. XXI, cap. III)

A Febrapsi deseja a todos um ano novo suficientemente bom.

Como a psicanálise pode sobreviver no meio acadêmico?

A psicanálise tem perdido espaço no meio acadêmico no mundo todo e, nos países em que já não é mais ensinada em cursos de psicologia e medicina, há cada vez menos profissionais buscando formação analítica, pacientes buscando e sendo orientados a buscar psicanálise como tratamento e financiamento tanto de pesquisas como de tratamentos com psicanálise. A Associação Internacional de Psicanálise (IPA, segundo o acrônimo em inglês) tem lançado mão de diversas iniciativas para recobrar a respeitabilidade da psicanálise no meio acadêmico e, há 27 anos, realiza o *Research Training Programme* (RTP – Programa de Treinamento em Pesquisa).

Trata-se do único evento anual do mundo dedicado ao aprofundamento na discussão de projetos de pesquisas que tenham relação com a psicanálise. O objetivo central desta proposta é oferecer suporte a candidatos e membros da IPA, assim como a pesquisadores não afiliados, na elaboração e realização de estudos no vasto campo da pesquisa psicanalítica contemporânea. Esta iniciativa tem acontecido em diferentes países ao longo dos anos, sendo que em 2024 foi na China, em 2025 na Argentina (pela terceira vez) e em 2026 será no Canadá pela primeira vez.

Os participantes têm a oportunidade de terem consultas construtivas para seus projetos de pesquisa em qualquer fase de desenvolvimento (concepção, delineamento, coleta de dados ou fase de análise e redação). Os projetos podem ter graus diferentes de articulação com psicanálise e podem ser tanto de

abordagens empíricas quanto conceituais, abrangendo diversas áreas, incluindo psicoterapia, personalidade e psicopatologia, apego e parentalidade, neurociência, processos do desenvolvimento, funcionamento neurocognitivo, processo e tratamento psicanalíticos. Uma parte central da experiência dos participantes é a apresentação e discussão de seus próprios projetos e objetivos de pesquisa com os orientadores e com outros participantes.

Algumas instituições têm se inspirado nesta proposta e estabeleceram seus próprios RTPs, como a Associação Americana de Psicanálise.

Diversos brasileiros já foram fellows em edições do evento que ocorreram em diferentes países. Além da riqueza da experiência e os ganhos concretos para o trabalho de investigação e estabelecimento de parcerias, a participação de brasileiros nos RTPs despertou o desejo de que tivéssemos uma edição nacional desta proposta totalmente em português e que fosse o início de estabelecimento de uma comunidade de pesquisadores ligados a temas articulados à psicanálise no Brasil.

A Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi), nas pessoas de Luiz Celso Toledo e Ana Clara Gavião, confiou esta missão a mim, Rogerio Lerner, que há anos tem sido *faculty* do RTP da IPA e é um dos seus *co-chairs* atuais. Sob sua coordenação, a Febrapsi promoveu de 20 a 22 de novembro de 2025 a primeira Reunião de Treinamento em Pesquisa



Rogerio Lerner

Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

Professor do Instituto de Psicologia da USP e do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP

Membro do Comitê Científico do Núcleo Ciência pela Infância (INSPER/FMCSV/HARVARD), do Comitê Científico da Federação Psicanalítica da América Latina (FEPAL) e do Comitê Científico da IPA

(RTP, para manter o acrônimo inspirador original) na sede da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), tendo como orientadores Rogerio Lerner (coordenador, SBPSP e Universidade de São Paulo - USP), Norma Lottenberg Semer (SBPSP e Universidade Federal de São Paulo), César LS Brito (Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), Julia Garcia Durand (Universidade Mackenzie), Marina FR Ribeiro (USP) e Leopoldo Fulgêncio (USP).

Houve 28 inscrições de trabalhos de pesquisadores de Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo, sendo 14 membros de instituições ligadas à Febrapsi. Os 19 aprovados e que participaram foram: Adriana Aparecida Fregonese, Carolina Leonidas, Cláudia É. Del Corto, Cristiane de Amorim Trindade, Cristina Tavelin, Ednéia Albino Nunes Cerchiari, Helena Riter, Janete Walter Moura, João Paulo Zerbinati, Julia Marquez, Júlia Trevisan, Luciana Marchetti Torrano, Fabiana Colombo, Miriam Altman, Patrícia S. Coppola, Paulo Favaretto, Stella Luiza Moura Aranha Carneiro, Viviane Luz Pereira Leite de Souza e Tomiris Forner Barcelos.

Durante três dias, essas pessoas – de estudantes universitários a docentes universitários e psicanalistas experientes – reuniram-se para discutir seus projetos de pesquisa com temas relacionados à psicanálise, debatendo objetivos, metodo-

logia, bibliografia, formas de se pesquisar temas clínicos, interlocução com outras áreas, dentre outros. O trabalho do grupo foi acompanhado por orientadores que são psicanalistas e pesquisadores que já participaram ou coordenaram eventos semelhantes em diversos países.

Durante três dias, cada participante teve seu projeto apresentado discutido em duas ocasiões: na reunião plenária com todos os participantes e orientadores e em pequenos grupos coordenados por duplas de orientadores.

A apresentação de cada participante se dava em dias diferentes a fim de que tivesse tempo para reformulá-la à luz dos comentários suscitados. O clima era de gentileza, generosidade

e confiança, permitindo que as diferenças entre as perspectivas teóricas e metodológicas fossem assumidas e enriquecessem o debate. Todos ficaram muito satisfeitos.

Outra iniciativa que a Febrapsi poderia considerar em realizar é o Projeto *Advocacy* em prol da Psicanálise. Seus benefícios clínicos têm farta documentação na literatura científica. Entretanto, poucos são os gestores de políticas públicas que têm acesso a esse conhecimento, o que representa uma perda de oportunidade de o trabalho psicanalítico ser considerado uma opção no planejamento de programas de políticas públicas.

O Projeto *Advocacy* teria o objetivo de endereçar tal lacuna por meio de um conjunto de iniciativas para aumentar o acesso de gestores de políticas públicas municipais, estaduais e federais e membros do judiciário ao conhecimento sobre psicanálise. A primeira seria a proposição

de um curso oferecido pela Febrapsi ligado a uma ou mais universidade voltado para a população alvo. O modelo é o Programa de Liderança Executiva do Núcleo Ciência Pela Infância (<https://ncpi.org.br/iniciativa/programa-de-lideranca-executiva/>).

A segunda seria a produção de material de divulgação de rápida e facilitada leitura (uma página contendo texto e ilustrações) sobre o assunto. A terceira seria a produção de material a ser divulgado em plataformas e redes sociais com mensagens voltadas ao tema. O modelo para ambas pode ser encontrado em <https://ncpi.org.br/publicacoes>.

A quarta seria a proposição de cursos oferecidos pela Febrapsi (possivelmente em parceria com universidades) para servidores públicos de saúde, educação, assistência/desenvolvimento social e conselheiros tutelares.

A concorrência que enfrentamos como psicanalistas só tem aumentado e, agora, conta também com inteligência artificial. Defender a importância de nosso trabalho é fundamental!



Gettyimages - Stellalevi

Projeto de lei francês excluiu a psicanálise dos procedimentos reembolsáveis pela seguridade social

Em 14/10/2025, o Ministro do Trabalho e da Solidariedade francês apresentou à Assembleia Nacional da França em nome do primeiro-ministro Sébastien Lecornu um projeto à Lei de Financiamento da Seguridade Social para o ano de 2026 (LFSS nº 1907 https://www.assemblee-nationale.fr/dyn/17/textes/l17b1907_projet-loi?utm_source=chatgpt.com), com vistas à redução dos gastos governamentais com a previdência social e assistência à saúde. O texto apresentado não mencionava a psicanálise ou as psicoterapias de base psicanalítica, cuja inclusão como emenda (*Amendement* nº 159) ao artigo 18 foi requerida em 21/11/2025 por um grupo de senadores franceses, sob alegação de que “os cuidados baseados na psicanálise, em particular quando se aplicam a transtornos do neurodesenvolvimento, transtornos ansiosos ou depressivos e afecções psiquiátricas crônicas, não dispõem de nenhuma validação científica nem de avaliação positiva do serviço médico prestado pela Alta Autoridade de Saúde [Haute Autorité de Santé - HAS]. Diversos relatórios públicos destacaram a ausência de provas de eficácia e o caráter inadequado, até mesmo contraproducente, dessas abordagens, que devem ser diferenciadas das psicoterapias.” ([https://www.senat.fr/enseance/2025-2026/122/Amdt_159.html#:~:text=ARTICLE%20ADDITIONNEL%20APR%C3%88S%20ARTICLE%2018%20\(SUPPRIM%C3%89\)&text=Ins%C3%A9rer%20un%20article%20additionnel%20ainsi,d%27application%20du%20pr%C3%A9sent%20article,tradução livre](https://www.senat.fr/enseance/2025-2026/122/Amdt_159.html#:~:text=ARTICLE%20ADDITIONNEL%20APR%C3%88S%20ARTICLE%2018%20(SUPPRIM%C3%89)&text=Ins%C3%A9rer%20un%20article%20additionnel%20ainsi,d%27application%20du%20pr%C3%A9sent%20article,tradução livre)).

Em 17/11/2025, um grupo de entidades psicanalíticas francesas encaminhou aos parlamentares autores do referido projeto uma carta contestando a emenda legislativa e alegando que “excluir abordagens psicanalíticas do financiamento público criaria um cuidado de dois níveis, reservando esse cuidado apenas para pacientes que possam financiá-lo, enquanto transtornos mentais afetam todas as classes sociais e têm consequências significativas na vida

pessoal, familiar e profissional” (tradução livre). Destacaram ainda que a falta de acesso a cuidados adequados aumentaria os custos indiretos, como afastamentos prolongados do trabalho, procura reiterada dos serviços de urgência e uso de medicamentos por longos períodos, além da redução de oferta de cuidados em hospitais-dia e instituições de saúde. Ao que consta, a emenda foi retirada de pauta no Senado francês.

A recente tentativa de exclusão do reembolso público das práticas psicanalíticas no sistema de saúde da França, sob alegação de ausência de comprovação científica e ineficácia clínica, reacende a discussão sobre o caráter científico, ético e clínico da psicanálise.

Diferente do que afirma a emenda legislativa francesa, a literatura científica contemporânea está repleta de indicadores da eficácia da psicanálise e das psicoterapias de base psicanalítica, com resultados comparáveis – e, em certos casos, superiores – a outras abordagens terapêuticas, como as cognitivo-comportamentais, notadamente em transtornos depressivos, de ansiedade, de personalidade, somatoformes, pós-traumáticos e sofrimento psíquico crônico (Summers, 2025; British Psychoanalytical Council, 2015; Milrod, 2007).

Revisões de longo-prazo e estudos comparativos indicam ainda que, ao contrário de outras modalidades terapêuticas cujo efeito tende a diminuir após o término das intervenções, os tratamentos de base psicanalítica frequentemente apresentam efeitos que se mantêm e, muitas vezes, ampliam-se ao longo do tempo, o que evidencia fortemente um impacto estrutural duradouro sobre a organização psíquica do indivíduo (Lilliengren, 2023; Midgley, 2021; Ribeiro *et al.*, 2018; Fonagy *et al.*,



Fábio Firmino Lopes

Psiquiatra e psicanalista, membro da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) e didata do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Santa Catarina (GEP-SC), diretor do Conselho Profissional da Febrapsi e do Instituto de Psicanálise Romualdo Romanowski (GEP-SC).

2015; Yakeley, 2014; de Maat *et al.*, 2009; Shedler, 2009; Leichsenring e Rabung, 2008)

A eficácia das terapias de orientação psicanalítica e da psicanálise torna-se ainda mais evidente nos quadros complexos e resistentes, justamente aqueles que mais oneram os sistemas públicos de saúde, como transtornos de personalidade, depressão crônica recorrente, transtornos psicossomáticos, traumas precoces e patológicas vinculares. Estudos de longo prazo acima citados demonstram não só redução dos sintomas destes transtornos, mas transformações importantes no funcionamento da personalidade, nas capacidades relacionais e na integração do *self*.

Cabe salientar que a psicanálise contemporânea não se restringe ao modelo clássico de consultório individual de alta frequência; está presente em hospitais, centros de saúde mental, instituições de atenção a crianças e adolescentes, serviços de atenção psicossocial, contextos de violência, trauma e vulnerabilidade social. Adaptada a diferentes dispositivos – individuais, grupais, familiares e institucionais – a psicanálise constitui parte essencial dos sistemas integrados de cuidados de saúde em diversos países.

A exclusão das abordagens psicanalíticas dos serviços de saúde – como explícito no projeto de lei francês – revela-se, do ponto de vista econômico, paradoxalmente contraproducente, com repercussões a médio e longo prazo diretas, como aumento na frequência de internações e afastamentos laborais prolongados, e indiretas, como incremento da violência social e abuso de álcool e outras substâncias psicoativas.

A abordagem da dita “medicina baseada em evidências” é criticada por ter um critério de eficácia reducionista, focado apenas no sintoma e no retorno rápido à “normalidade”, o que anula a dimensão da subjetividade e da narração da pessoa (Summers, 2025).

O ato político de defender a psicanálise no espaço público é também um ato de defesa o próprio ser humano. Excluir a psicanálise das políticas públicas é excluir a essência e existência do indivíduo e sua subjetividade, sua narrativa, seu inconsciente e sua possibilidade de elaborar sua própria história (Bastos, 2002).

A psicanálise está longe de ser obsoleta e não-científica. Ela permanece como uma das formas mais rigorosas de escuta e acolhimento do sofrimento humano e sua permanência junto aos sistemas de saúde constitui uma necessidade clínica, social e ética.

Por fim, cabe salientar que a situação da psicanálise no cenário mundial – frequente exclusão de protocolos oficiais de saúde mental, suspeição científica e preconceito institucional – não é resultado de decisões técnicas ou epistemológicas neutras. Trata-se de um fenômeno complexo que envolve aspectos políticos, econômicos, ideológicos e subjetivos que têm como base o paradigma do observável, do objetivamente mensurável e do rapidamente remediável. Em uma economia centrada na

performance e na supressão sintomática a mais instantânea possível, a psicanálise é vista como prática dispendiosa, demorada e, portanto, indesejável sob a lógica do custo-benefício imediato.

Embora existam um sem-número de estudos de eficácia em psicoterapia de base psicanalítica, eles são em sua maioria pouco divulgados, dispersos, fragilmente traduzidos para a linguagem dominante da saúde baseada em evidências e, muitas vezes, não priorizados pelas próprias instituições psicanalíticas tradicionais e mundialmente reconhecidas. Isto gera uma lacuna aparentemente intransponível: a eficácia existe – o que é sabido por todos nós, psicanalistas –, mas não circula politicamente no sistema de decisão.

É preciso que nos desloquemos de uma posição defensiva – atuar apenas quando ameaçados, como recentemente a do parlamento francês – para uma atitude propositiva e estratégica, visando (1) mudar a narrativa pública sobre a eficácia e a cientificidade da psicanálise; (2) reposicionar nosso campo de conhecimento no meio acadêmico e científico; (3) transformar o modelo cultural e clínico do imediatismo atualmente vigente.

As instituições psicanalíticas, como guardiãs críticas e éticas da subjetividade humana, têm que ocupar o protagonismo e a responsabilidade por essas mudanças.

REFERÊNCIAS:

- Bastos LAM. Psicanálise baseada em evidências? *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, 12(2):391-408, 2002
- British Psychoanalytical Council. Psychoanalytic psychotherapy : what's the evidence ? In https://www.bpc.org.uk/download/489/FINAL-Overview_Evidence_Base_Briefing-June2015.pdf?utm_source=chatgpt.com (acessado em 23/11/2025)
- De Maat S et al. The effectiveness of long-term psychoanalytic therapy: A systematic review of empirical studies. *Harv Rev Psychiatry*, 2009. DOI: 10.1080/10673220902742476 (acessado em 23/11/2025).
- Fonagy P et al. Pragmatic randomized controlled trial of long-term psychoanalytic psychotherapy for treatment-resistant depression: the Tavistock Adult Depression Study (TADS) *World Psychiatry*, 14:312-321, 2025. DOI 10.1002/wps.20267 (acessado em 23/11/2025)
- Leichsenring F; Rabung S. Effectiveness of long-term psychodynamic psychotherapy - A Meta-analysis. *JAMA*, 300(13): 1551-1565, 2008.
- Lilliengren P. A comprehensive overview of randomized controlled trials of psychodynamic psychotherapies. *Psychoanalytic Psychotherapy*, 37(2): 117-140, 2023. <https://doi.org/10.1080/02668734.2023.2197617> (acessado em 23/11/2025)
- Midgley N et al. The evidence-base for psychodynamic psychotherapy with children and adolescents: a narrative synthesis. *Frontiers in Psychology*. 2021. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.662671> (acessado em 23/11/2025)
- Milrod B et al. A randomized controlled clinical trial of psychoanalytic psychotherapy for panic disorder. *Am J Psychiatry*, 164:1-8, 2007.
- Ribeiro A et al. Depression and psychodynamic psychotherapy. *Rev Bras Psiquiatria*, 40:105-109, 2018. doi:10.1590/1516-4446-2016-2107 (acessado em 23/11/2025).
- Shedler, J. The efficacy of psychodynamic psychotherapy. *Journal of the American Psychological Association*. In <https://www.apa.org/pubs/journals/releases/amp-65-2-98.pdf> (acessado em 23/11/2025).
- Summers RF. Psychodynamic therapy A Guide to Evidence Based Practice. 2nd Edition.
- Yakeley J. Psychodynamic psychotherapy: developing the evidence base. *Advances in psychiatric treatment*, 20: 269-279, 2014. DOI: 10.1192/apt.bp.113.012054 (acessado em 23/11/2025).



MARCEL JEAN
Armário surrealista, 1941

Biografia: Herbert Alexander Rosenfeld

Herbert Alexander Rosenfeld (1910-1986) nasceu em dois de julho de 1910, em Nuremberg, Alemanha, e emigrou em 1935 para a Inglaterra. O psicanalista havia ingressando na escola de Medicina, mas, com a ascensão de Hitler, foi proibido aos estudantes judeus o contato com pacientes. Assim, Rosenfeld, que era judeu, se viu impedido de continuar na Alemanha. Na Inglaterra, concluiu seus estudos de Medicina, dedicando-se à psiquiatria. Foi aceito na Tavistock Clinic, onde se destacou pela eficiência em seu trabalho e pelo modo afetuoso pelo qual tratava os pacientes portadores de esquizofrenia, tendo desenvolvido contribuições fundamentais para a compreensão clínica e teórica das psicoses, estados-limite e organizações narcísicas graves. Seus conceitos articulam agressividade, pulsão de morte e organização do *self*.

Fez análise didática com Melanie Klein e tornou-se um dos maiores expoentes da escola Kleiniana, tendo produzido diversas obras com importantes concepções psicanalíticas, principalmente no campo das psicoses.

Ao utilizar conceitos de Klein, como identificação projetiva e dissociação, Rosenfeld abordou diversos temas e estados psíquicos, entre os quais: despersonalização, confusionalis, transtornos de linguagem, comunicação e pensamento dos esquizofrênicos, conflitos com o superego, psicose de transferência e a interrelação analista/analizando.

Juntamente com Segal e Bion, introduziu inovações pós-kleinianas em suas contribuições clínicas e teóricas, baseando-se nas valiosas lições de sua experiência no tratamento de pacientes

esquizofrênicos. Ele mapeou processos patológicos que emergem precocemente na posição esquizoparanoide e que podem prejudicar severamente o desenvolvimento posterior do ego. Esses processos também lançam luz sobre os estados mentais esquizoides presentes em pacientes com transtorno de personalidade *borderline* e neuróticos.

Narcisismo

No texto intitulado *Um olhar sobre a destrutividade*, Elias Mallet da Rocha Barros, analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo – estudioso da obra de Klein e Rosenfeld – comenta que a inveja primária, formalizada por Klein (1957), é apresentada como marco decisivo para compreender a destrutividade como expressão direta da pulsão de morte. Nas décadas iniciais do kleinismo, a técnica privilegiava interpretações diretas e confrontativas da agressividade, muitas vezes sem considerar a complexidade das organizações defensivas do paciente.

A partir de Rosenfeld, sublinha o psicanalista, ocorre uma virada fundamental: a destrutividade passa a ser entendida como parte de organizações narcísicas complexas, frequentemente estruturadas para defender o sujeito da inveja, da dependência e da dor psíquica.

Houve ainda importantes contribuições no campo do narcisismo. Em 1964, Rosenfeld descreveu o narcisismo como resultante de um sistema defensivo contra a inveja e o sentimento de separação. Em trabalho realizado em 1971¹, conceituou o chamado narcisismo negativo que, segundo ele, resulta de uma idealização



Helena Daltro Pontual

Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)
Editora do Febrapsi Notícias

dos aspectos onipotentes e destrutivos do *self* do sujeito, que podem se organizar como uma espécie de gangue narcisista. Ainda acerca do narcisismo, Rosenfeld propôs, em 1987, uma classificação em dois tipos de pacientes narcisistas: os de pele fina (supersensíveis, que exigem um tato especial do analista, ligados a traumas precoces) e os de pele grossa (arrogantes e com escudo protetor contra as interpretações do analista, dominados pela inveja primária).

Sua contribuição mais original sobre narcisismo patológico está, portanto, nesse artigo clássico de 1971 e em outro, de 1964², segundo Cyril Couve³, do Melanie Klein Trust. Esses textos descrevem dois aspectos do narcisismo.

Um deles é o surgimento de uma autoidealização grandiosa, construída sobre a apropriação projetiva de todas as boas qualidades do objeto e a expulsão de todas as partes ruins do *self* para o objeto, que é mantido desvalorizado (1964). Essa autoidealização “insana” é uma defesa contra a separação do objeto “bom”, que desperta impulsos destrutivos incontrolláveis, como a inveja e a deterioração da boa mãe que amamenta, enquanto fonte de vida, e as ansiedades primitivas que daí

1 1971 Rosenfeld, H. ‘A clinical approach to the psycho-analytical theory of the life and death instincts: An investigation into the aggressive aspects of narcissism’, *International Journal of Psychoanalysis*. 52: 169-178; republished in E. Spillius (ed.) *Melanie Klein Today*, Vol. 1., Routledge (1988)

2 1964 Rosenfeld, H. ‘On the psychopathology of narcissism: A clinical approach’, *International Journal of Psychoanalysis*. 45: 332-337; republished in *Psychotic States*. Hogarth Press (1965).

3 <https://melanie-klein-trust.org.uk/writers/herbert-rosenfeld/>

decorrem, como confusão, fragmentação e desintegração.

O narcisismo também assume a forma da idealização das partes “ruins” do *self*, frequentemente representadas como uma “gangue narcisista”, que são utilizadas como fonte de força superior e mobilizadas em um ataque organizado contra o *self* dependente e suas relações objetais sãs (1971). Tais organizações narcisistas criam uma cisão no *self* e o mantêm estagnado.

No texto *Uma Abordagem clínica à teoria psicanalítica dos instintos de vida e morte: uma investigação sobre os aspectos agressivos do narcisismo*⁴, Rosenfeld aborda a teoria freudiana das pulsões de vida e de morte, enfatizando sua relevância clínica para a compreensão da agressividade, do narcisismo e das resistências ao tratamento psicanalítico. Freud sustentou que esses instintos quase nunca aparecem em forma pura, mas geralmente fundidos; a des fusão entre eles estaria associada a estados patológicos graves, como reações terapêuticas negativas, resistências profundas e retraimentos narcísicos.

Rosenfeld argumenta que o a pulsão de morte não pode ser observada diretamente, mas se manifesta clinicamente por meio de impulsos destrutivos dirigidos aos objetos e ao próprio Eu, especialmente em condições narcísicas severas. Para o autor, Freud reconheceu que a des fusão pulsional pode produzir consequências clínicas graves, mas não desenvolveu de forma sistemática a relação entre narcisismo, agressão e pulsão de morte.

Nesse texto, Rosenfeld comenta que contribuições posteriores ampliaram essa articulação. Abraham destacou a transferência negativa oculta e a inveja em pacientes narcísicos, evidenciando a desvalorização do analista e a hostilidade encoberta. Reich, embora rejeitando a pulsão de morte, aprofundou a análise da



Herbert Alexander Rosenfeld

agressão latente, da couraça de caráter e da resistência narcísica crônica, mostrando que tais conteúdos podem ser ativados e trabalhados na análise.

Klein ocupa lugar central nesse texto de Rosenfeld, que vincula narcisismo, agressão e pulsão de morte a partir da teoria das posições esquizoparanoide e depressiva. Para Klein, a cisão do eu e dos objetos, a projeção e a introjeção explicam os estados precoces de des fusão pulsional. A inveja primitiva, derivada da pulsão de morte, constitui um dos principais obstáculos ao progresso analítico, manifestando-se na transferência negativa e nas reações terapêuticas negativas.

O texto também trata da distinção dos conceitos de fusão normal e fusão patológica. Na fusão normal, a energia destrutiva é atenuada ou neutralizada; na fusão patológica, os impulsos destrutivos dominam e utilizam a libido a seu serviço, intensificando a violência psíquica. Essa dinâmica é particularmente evidente no narcisismo destrutivo, em que partes onipotentes e cindidas do eu atacam as relações objetais, a dependência e o próprio processo analítico.

Ele descreve também casos clínicos de pacientes que manifestam estados em que o eu destrutivo triunfa sobre o eu libidinal dependente, levando a fantasias

de morte, autossabotagem, retraimento narcísico e, em casos extremos, a organizações psicóticas narcísicas. A análise, observa ele, deve tornar conscientes essas partes destrutivas cindidas, trabalhar a transferência negativa e restaurar a fusão pulsional, possibilitando a retomada de relações objetais vivas e do crescimento psíquico. Sua conclusão é a de que a teoria da fusão e des fusão das pulsões é fundamental para compreender o narcisismo patológico, a agressão inconsciente e as resistências crônicas, e também decisiva para o manejo clínico de pacientes narcísicos graves.

Para Rosenfeld⁵, o tratamento de pacientes psicóticos graves mais se assemelha à análise de crianças que à de adultos, pois dependem do cuidado de outrem para virem ao tratamento; não se deitam, em geral, no divã e apresentam, com frequência, dificuldades de se expressar em palavras, de maneira que

4 Rosenfeld, Herbert, in The International Journal of Psychoanalysis, 1971, nº 52, p.169-178. Link: <https://winnicottisrael.com/wp-content/uploads/2025/05/%D7%A8%D7%95%D7%96%D7%A0%D7%A4%D7%9C%D7%93-1971.pdf>

5 Rosenfeld, H. *Os estados psicóticos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968

o analista precisa incluir no material sobre o qual trabalha a comunicação implícita na ação ou no gesto. O paciente psicótico exerce, de várias formas, uma pressão consciente e inconsciente sobre o analista para que abandone a atitude analítica.

Impasse

Em sua última obra, *Impasse e Interpretação* (1987)⁶, Rosenfeld deu mais ênfase ao papel do trauma e das falhas ambientais no desenvolvimento de organizações narcísicas. Ele passou a se preocupar com o fato de que pacientes que sofreram privações ou traumas na infância poderiam ser retraumatizados em suas análises se o analista enfatizasse demais a destrutividade inata. Descreve o impasse analítico como resultado da atuação de forças destrutivas internas do paciente que sabotam o vínculo com o analista e bloqueiam a mudança psíquica.

6 Rosenfeld, H. *Impasse and Interpretation*. 1987, Tavistock.

A interpretação eficaz deve focar os ataques ao vínculo analítico e ao processo de mudança, mais do que conteúdos simbólicos clássicos. A saída do impasse exige tolerância do analista à frustração e reconhecimento, pelo paciente, do custo psíquico de sua adesão às forças destrutivas. Para o psicanalista, o impasse não é falha técnica, mas expressão central da psicopatologia narcísica grave.

Segundo Cyril Couve, tais teorias de Rosenfeld geraram controvérsia entre diferentes grupos analíticos. Mas esse livro, observou, “é um lembrete crucial para analistas de ambos os lados da controvérsia sobre a importância de ouvir atentamente as respostas do paciente às suas intervenções, a fim de

reconhecer possíveis erros e atitudes prejudiciais em sua postura”. Rosenfeld era conhecido por sua capacidade singular de se colocar imaginativamente no lugar de seus pacientes e compreender suas experiências a partir de sua perspectiva.

Conhecido por sua grande capacidade de trabalho, Rosenfeld atendia em média dez pacientes por dia aos 76 anos de idade. Também mantinha supervisões e coordenava grupos de pós-graduação em vários países da Europa. Morreu trabalhando: teve um acidente vascular cerebral fatal durante um seminário clínico em Londres, no dia 27 de outubro de 1986. Na época, deixou viúva, Lottie, duas filhas, um filho e vários netos.

REFERÊNCIAS

DICIONÁRIO INTERNACIONAL DA PSICANÁLISE

MIJOLLA, Alain de (org.). *Dicionário internacional da psicanálise*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

INSTITUTO DE PSICANÁLISE BRITÂNICO / SOCIEDADE PSICANALÍTICA BRITÂNICA: British Psychoanalytical Society, s.d. Disponível em: <https://www.psychanalysis.org.uk> - Acesso em: dez. 2025.

ROSENFELD, H. *Os estados psicóticos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968

ROSENFELD, Herbert. *Publicações de Herbert Rosenfeld*. Psychoanalytic Electronic Publishing (PEP-Web). Disponível em: <https://pep-web.org/search?facet->

[s=%5B%7B%22id%22%3A%22art_authors%22%2C%22value%22%3A%22rosenfeld%2C%20herbert%22%7D%5D&q=herbert%20rosenfeld](https://pep-web.org/search?facet-s=%5B%7B%22id%22%3A%22art_authors%22%2C%22value%22%3A%22rosenfeld%2C%20herbert%22%7D%5D&q=herbert%20rosenfeld) - Acesso em: dez. 2025.

PSYCHOANALYTIC ELECTRONIC PUBLISHING. PEP-Web: Psychoanalytic Electronic Publishing. New York, s.d. Disponível em: <https://pep-web.org> - Acesso em: dez. 2025.

VOCABULÁRIO CONTEMPORÂNEO DE PSICANÁLISE ZIMMERMAN, David E. *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PRINCIPAIS CONCEITOS:

- 1- *Narcisismo destrutivo* – organização psíquica na qual o *self* se identifica com objetos internos onipotentes e cruéis. Há desprezo pelos vínculos e pela necessidade do outro. O sujeito experimenta sentimento de superioridade defensiva, acompanhado de ataques à capacidade de amar, pensar e simbolizar.
- 2- *Gangues narcísicas* – agrupamento de partes do *self* identificadas com objetos internos onipotentes, sádicos e destrutivos. Apresenta-se coesa, poderosa e sedutora, prometendo proteção contra a angústia, a dependência e a dor psíquica. Há uma defesa contra a posição depressiva, a culpa e o reconhecimento da alteridade do objeto. Sabotam o pensar, o *insight* e o progresso analítico.
- 3- *Ataques ao vínculo e à capacidade de pensar* (inspirado em Bion e Klein) – ataques sistemáticos às ligações psíquicas entre afetos, ideias e objetos. Uso da agressividade para impedir a integração psíquica que possa levar à dependência do objeto.
- 4- *Organização psicótica da personalidade* – modo organizado de funcionamento psíquico e não apenas uma falha estrutural; apresenta estrutura defensiva coerente, ainda que patológica, para evitar a angústia persecutória e depressiva.
- 5- *Identificação projetiva patológica* – baseado em Klein, Rosenfeld aprofundou o conceito para descrever sua forma massiva, intrusiva e evacuativa, voltada a controlar, colonizar ou destruir o objeto e capaz de provocar confusão mental intensa no analista (contratransferência psicótica).
- 6- *Superego cruel e persecutório* – superego primitivo, sádico e destrutivo, frequentemente ligado à recusa ao tratamento e ao ataque ao *setting* analítico.
- 7- *Estados de estagnação e impasses na análise* – paciente aparenta progresso, mas mantém um núcleo destrutivo intacto, com alianças inconscientes entre partes destrutivas do analisando e aspectos idealizados do analista.
- 8- *Técnica com pacientes graves* – interpretações focadas na destrutividade ativa e não apenas na ansiedade, atenção constante à contratransferência e intervenções que nomeiem os ataques ao vínculo analítico e à dependência.

CONSELHOS, FEDERADAS E PRESIDENTES

CONSELHO DIRETOR

Presidente: Luiz Celso Toledo

Secretária Geral: Daniela Bormann Vieira

Tesoureira: Ana Cláudia Zuanella

Diretora do Conselho de Coord. Científica:
Ana Clara Duarte Gavião

Diretor do Conselho Profissional:
Fabio Firmino Lopes

Diretora de Publicações e Divulgação:
Silvana Marta S. Torres

Diretora de Comunidade e Cultura:
Josiane Barbosa de Oliveira

Diretora Superintendente:
Maria Lúcia Moret de Carvalho

Secretária do Cons. de Coord. Científica:
Susana Chinazzo

ADMINISTRAÇÃO

Gerente Administrativo Financeiro: Lúcia Boggiss

Analista de Comunicação: Taís Maia

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Editora: Berta Hoffmann Azevedo

Editora Associada: Claudia Amaral Mello Suannes

CONSELHO CIENTÍFICO

Diretora: Ana Clara Duarte Gavião

Secretária do Cons. de Coordenação Científica:
Susana Chinazzo

SBPSP: Raya Angel Zonana

SPRJ: Daniela Bormann Vieira

SBPRJ: Mariana Neustein

SPPA: Marli Bergel

SPRPE: Sandra Matoso Trombetta Quintans

SPBsb: Nize Nascimento

SBPdePA: Janine Maria de Oliveira Severo

SPPel: Eduardo Brod Méndez

SBPRP: Beatriz Troncon Busatto

SPMS: Joelma Dibo Victoriano

SBPMG: Tânia Oliveira de Almeida Grassano

SPFOR: Marúcia Luna Neri Benevides

SBPCamp: Adriana Maria Nagalli de Oliveira

SBPG: Andréia Lobo Costa Campos de Melo

SBPC: Andreas Linhares

GEP Rio Preto e Região: Heleny S. Scrocchio Romero

GEP-SC: Ana Maria Maykot Prates Michels

GEP-Marília e Região: Cacilda Grama Pompilio Vilas Boas

Grupo de Uberaba: Lídia Queiroz Silva Magnino

DELEGADOS

Magda Guimarães Khouri, Rodrigo Lage Leite, Roberto Santoro Pires C. Almeida, Rosa Maria Carvalho Reis, Maria Noel Brena Sertã, Adriana Guimarães Lasalvia, Kátia Wagner Radke, Iara Lurdes Lucchese Wiehe, Dinora Borges Rodrigues Maricevich, Alirio Torres Dantas Júnior, Ana Velia de Sánchez Osella, Carlos César Marques Frausino, Patricia Rivoire Menelli Goldfeld, Denise Zimpek Pereira, Beatriz Hax Sander, Christine Marques Castro Vinas, Adriana Vilela Jacob Francisco, José Cesário Francisco Jr., Gleda Brandão Coelho Martins Araújo, Paula Francisca Andrade Mittelstaedt, Ana Carolina Ramon Tiuso, Patrícia Gomes Figueira, Karina Rodrigues Bernardes, Regina Célia Cardoso Esteves, Nelson José Nazaré Rocha, Cláudia Cristina Antonelli, Maristela Nunes Pinheiro, Jane do Carmo Moura Fabian, Solange Luiz Caldas dos Santos, Marina Vidal Stabile, Osvaldo Luis Barison, Sueli Barison, Gládis Elaine Carneletto Garcia, Patrícia Lima de Oliveira, Cibele Maria Moraes di Battista Brandão, Cassia Teixeira Assef, Luís de Paiva Silva, Denise Léa Moratelli

PRESIDENTES DAS FEDERADAS

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)
Magda Guimarães Khouri

Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ)
Roberto Santoro Pires de C. Almeida

Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)
Maria Noel Brena Sertã

Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA)
Kátia Wagner Radke

Sociedade Psicanalítica de Recife (SPRPE)
Dinora Borges Rodrigues Maricevich

Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb)
Ana Velia de Sánchez Osella

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA)
Patricia Rivoire Menelli Goldfeld

Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPel)
Beatriz Hax Sander

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP)
Adriana Vilela Jacob Francisco

Sociedade Psicanalítica do Mato Grosso do Sul (SPMS)
Gleda Brandão Coelho Martins Araujo

Soc. Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG)
Ana Carolina Ramon Tiuso

Soc. Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR)
Karina Rodrigues Bernardes

Soc. Brasileira de Psicanálise de Campinas (SBPCampinas)
Nelson José Nazaré Rocha

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Goiânia (SBPG)
Maristela Nunes Pinheiro

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Curitiba (SBPCuritiba)
Solange Luiz Caldas dos Santos

Grupo de Estudos de Psicanálise de S. J. do Rio Preto e Região (GEP Rio Preto e Região)
Osvaldo Luis Barison

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Santa Catarina (GEP-SC)
Gládis Elaine Carneletto Garcia

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Marília e Região (GEP Marília e Região)
Cibele Maria Moraes di Battista Brandão

Grupo Psicanalítico de Uberaba (GPU)
Luís de Paiva Silva

NÚCLEOS PSICANALÍTICOS

Núcleo Psicanalítico de Maceió

Núcleo Psicanalítico do Espírito Santo

Núcleo Psicanalítico de Salvador

Núcleo de Psicanálise de Uberlândia

PUBLICAÇÕES

Revista Brasileira de Psicanálise – <http://rbp.org.br/>

Jornal Febrapsi Notícias – <https://febrapsi.org/febrapsi-noticias/>

Observatório Psicanalítico – <https://febrapsi.org/publicacoes/jornal-do-observatorio-psicanalitico/>

Mirante – O Podcast da Febrapsi – https://febrapsi.org/project_category/mirante/

Podcast Associação Livre - Febrapsi – <https://open.spotify.com/show/5y5g9scGWNIB2eZMFmbp2a>

Boletim das Federadas – <https://febrapsi.org/boletim-das-federadas/>

Vídeos de encontros e palestras sobre psicanálise – https://www.youtube.com/channel/UCmUs0eVqnluYPjrUYxCp_Aw

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO DA FEBRAPSÍ

DIRETORA: Silvana Marta S. Torres (SPRJ)

EDITORIA EXECUTIVA DO FEBRAPSÍ NOTÍCIAS: Silvana Marta S. Torres (SPRJ)

EDITORIA DO FEBRAPSÍ NOTÍCIAS: Helena Daltro Pontual (SBPSP)

COMISSÃO EDITORIAL: Helena Daltro Pontual (SBPSP)
e Silvana Marta S. Torres (SPRJ)

JORNALISTA RESPONSÁVEL:

Helena Daltro Pontual (RP 866/1982)

CAPA: **O Ovo**

TARCILA DO AMARAL – Óleo sobre tela
In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/82337-o-ovo>

DIAGRAMAÇÃO: Licurgo S. Botelho

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE (FEBRAPSÍ)

Av. N. Sra. de Copacabana, 540, sala 704 – RJ – CEP: 22020-001

Tel: (21) 97168-0280 | e-mail: contato@febrapsi.org

www.febrapsi.org

Edição distribuída em formato digital e impressa

Acesse as redes sociais da Febrapsi | Facebook | Youtube | X | Instagram